

PRESSUPOSTOS PARA A AUTOTEOLOGIZAÇÃO: DAR VOZ À TEOLOGIA DAS IGREJAS DO SUL GLOBAL

Hildomar J. P. Oliveira

Graduado em Teologia, Letras: Português/Literatura e Pedagogia; especialização em História Contemporânea, Ciências da Religião, Docência do Ensino Superior e Design Instrucional; MBA em Gestão do Conhecimento nas Organizações e Mestre em Ciências da Religião. Serve na Universidade Corporativa da Junta de Missões Mundiais, CBB, como Designer Instrucional, Conteudista; é Gestor Estratégico para Capacitação de Obreiro. ORCID: 0009-0001-2760-5056

PRESSUPOSTOS PARA A AUTOTEOLOGIZAÇÃO: DAR VOZ À TEOLOGIA DAS IGREJAS DO SUL GLOBAL

Resumo

Este artigo acadêmico aborda os pressupostos que servem de fundamentos para a autoteologização das igrejas localizadas no Sul Global. Busca reconhecer a diversidade de experiências e perspectivas teológicas presentes nessas comunidades; além disso, defende a importância de dar voz às teologias locais, destacando sua relevância e contribuição para o panorama teológico global. Enfatiza a valorização da contextualização e da autonomia teológica das igrejas do Sul Global. O objetivo é promover uma compreensão mais inclusiva e enriquecedora da teologia, considerando a pluralidade de vozes e experiências presentes nesse contexto.

Palavras-Chave: autoteologização; teologia do Sul Global; contextualização teológica; diversidade teológica, autonomia eclesial.

Abstract

This academic article addresses the assumptions that serve as foundations for the self-theologizing of churches located in the Global South. It seeks to recognize the diversity of experiences and theological perspectives present in these communities; Furthermore, it defends the importance of giving voice to local theologies, highlighting their relevance and contribution to the global theological panorama. It emphasizes the appreciation of the contextualization and theological autonomy of churches in the Global South. The objective is to promote a more inclusive and enriching understanding of theology, considering the plurality of voices and experiences present in this context.

Keywords: self-theologizing; theology of the Global South; theological contextualization; theological diversity; ecclesiastical autonomy.

Introdução

O conceito eclesial dos três autos: igrejas autossustentáveis, autogovernadas e autopropagadoras, segundo Knight[1], foi criado por Henry Venn (1796-1873), quando secretário da Sociedade Missionária da Igreja da Inglaterra. Como um estadista missionário, Venn cria que as igrejas locais deviam ser independentes da influência de missões estrangeiras e preparadas para se manterem financeira, administrativa e missionária. A ruptura com a cultura colonialista levaria a um crescimento mais rápido e saudável das igrejas nativas. Segundo Analzira Nascimento, a igreja não “exerceu seu papel profético, mas foi parceira de projetos imperialistas”[2], e imprimiu uma “matriz do modelo missionário da Igreja Ocidental com uma lógica eurocêntrica”[3]. Todavia, as bases desse paradigma não se sustentam mais porque o eixo da cristandade mudou do hemisfério Norte para o Sul Global[4].

Segundo o antropólogo e missiologista Paul G. Hiebert, era necessário acrescentar aos três autos um quarto auto, que ele denominou de autoteologização. De acordo com ele, autoteologização significa que

A mensagem deve ser contextualizada nas formas culturais locais [...] as formas de culto e os estilos de liderança devem ser adaptados [...] o povo deve desenvolver uma teologia na qual as Escrituras lhe falem no seu contexto histórico e cultural particular.
[5]

[1] KNIGHT, William. **Memoir of the Rev. H. Venn**. London: Longmans, Green, And Co., 1880, p. 276.

[2] NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou colonização?** O risco de se fazer missões sem se importar com outro. Viçosa: Ultimato, 2015. p. 45.

[3] Ibidem, p. 46.

[4] GREEN, Gene L., PARDUE, Stephen T. and YEO, K. K. Preface. **In Majority world theology**: Christian doctrine in global context. (Ed. GREEN, Gene L.). Downers Grove: InterVarsity Press, 2020, p. 13-14.

[5] HIEBERT, Paul G. **Anthropological insights for missionaries**. Grand Rapids: Baker Academic, 1985, p. 141

A lei como leitura paradigmática

A lei, como paradigma da aliança de Deus com Israel, durou mais de 2 mil anos e compreendia que a missão de Israel era ser um reino de sacerdotes e luz para as nações, exercendo uma função centrífuga (cf. Êx 19.6, Is 42. 6). Nos dias de Jesus esse era o modelo vigente pelo qual era lida a função de Israel em relação às outras nações. Uma situação complicada acontece quando Jesus dirigiu-se a Tiro e Sidom e dialoga com uma moradora da antiga região Fenícia, portanto, estrangeira e excluída da bênção divina, com propósitos de mostrar aos discípulos a realidade universalista sobre qual o Reino de Deus é sustentado. Ou seja, nenhum povo está excluído das bênçãos divinas. A lição deixada é que a teologia e a cultura dos discípulos precisam ser contextualizadas e que a revelação dada a Israel não era um patrimônio exclusivo.

A expansão da igreja no mundo helenista é um choque de culturas. Por um lado, o imperativo de Jesus “façam discípulos entre todos os grupos étnicos presentes na terra” e a negação da universalização da revelação aos outros povos proposta pela teologia judaica. As formas da revelação estavam absolutizadas e seu monopólio pertencia aos Judeus. Os novos cristãos precisavam ser judeus, aceitar seus rituais, sua lei e sua cultura para serem admitidos na nova comunidade. Fumero pontua essa situação com duas questões: “devem os gentios convertidos fazer-se prosélitos do judaísmo para ser cristãos”? Ou, “estão obrigados os não judeus a abraçar o judaísmo para ser parte da igreja e submeter-se ao ritual da circuncisão”? [6] Protestos e vozes se levantaram contra esses pressupostos. O Cisma acontece, embora mediado pelo primeiro Concílio teológico a favor da conciliação e contextualização das novas formas culturais que o cristianismo tomaria ao penetrar em novas culturas.

[6] FUMERO, Mario E. **Os gálatas do terceiro milênio**: os judeus messiânicos e as igrejas cristãs. Camanducaia: Horizontes America latina, 2005, p. 50.

Flemming atesta que “nem mesmo a cultura original, sancionada por Deus, da nação eleita de Deus tem o direito de universalizar sua expressão particular do cristianismo” [7], ou seja: é permitido a diversidade contextual e cultural do cristianismo. Ao invés de capsular as culturas a única forma de culto e adoração a Deus.

A visão apoteótica e apocalíptica de João

[...] e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono, e perante o Cordeiro, trajando vestes brancas e com palmas nas suas mãos (Apocalipse 7: 9).

Quando servi no Leste da Ásia participei de um culto de uma igreja formada por 27 etnias. Emocionou-me até hoje, embora já tenha se passado vários anos. Que moisco! As diferenças étnicas estavam presentes ali. Cada etnia apresentava traços culturais distintos! As vestes coloridas e chapéus enfatizavam a etnicidade de cada povo distinguindo suas diferenças étnicas, seus dialetos guturais, embora, aparentemente ininteligíveis, expressavam adoração ao único Deus.

Além do mais, os seus traços étnicos distintos e sua cultura peculiar acentuam essas distinções! Essa é a imagem que faço da visão apocalíptica do Trono de Deus. Veja bem, nações, tribos, povos e línguas não integram uma realidade homogênea. Não expressam uma cultura uniformizada teológica, cultural ou eclesiástica. Deus é criativo, seja na criação quanto na diversidade étnica. Ele quis assim! Ele criou os povos com suas distinções culturais para que expressassem com sua própria essência seu culto a Deus.

[7] DEAN, Flemming. **Contextualisation in the New Testament**: patterns for theology and missions. Downers Grove: Intervarsity Press, 2005, p. 52.

Aspectos para a compreensão da autoteologização

Revelação e razão. O que é revelação? Em que se fundamenta? Qual o seu propósito? “O conceito de revelação sugere tirar o véu, abrir, tornar acessível o que, de outra forma, permaneceria desconhecido. O conceito indica uma atividade intencional, inteligível e teleológica. [8] Segundo Tillich, “uma revelação é uma manifestação especial e extraordinária que remove o véu de algo que está oculto de forma especial e extraordinária”[9].

A origem de onde procede a realidade expressa da revelação é Deus, como “a fonte final e o doador da revelação”[10]. A revelação, portanto, se fundamenta no próprio ser de Deus, em quem Deus é. Quando ele se revela a Moisés, toma a si mesmo como fundamento, “Eu Sou o que Sou. É isto que você dirá aos israelitas: Eu Sou me enviou a vocês”[11]. E assim, “Deus desvendou a si mesmo para a humanidade”[12]. E por que Deus se revela? Porque ele é um Deus relacional, que se relaciona intensamente com Deus-Filho e Deus-Espírito Santo e, agora, com as criaturas feitas à sua imagem e semelhança. Assim, nas Sagradas Escrituras ele revela seu plano glorioso ao tomar para si um povo, que embora caído, ele o redime e elege para ser canal de bênçãos aos outros povos para adorá-lo por toda a eternidade.

A revelação, segundo Emil Brunner e citado por Ferreira, “significa os atos poderosos de Deus para com a salvação do homem”[13].

[8] GRONINGEN, Gerard Van. **Revelação messiânica no antigo testamento**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, pp. 54, 55.

[9] TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. São Leopoldo: Concórdia, Est, 2014, p. 121.

[10] GRONINGEN. Op. Cit., p. 55.

[11] BÍBLIA. **Bíblia missionária de estudo**, Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblia do Brasil, 2014, pp. 58, 59.

[12] ENNS, Paul. **Manual de teologia Moody**. São Paulo: Editora Batista Regular, 2010, p. 168.

[13] FERREIRA, Júlio Andrade. **Teologia sistemática contemporânea**. Londrina: Fonte Editorial, 2018, p. 67.

De acordo com Mackintosh “é um fato que teve lugar em Jesus Cristo... em quem a revelação se acha presente e ativa, é uma realidade concreta para a qual não existe analogia”[14], [o Cristo] “que se revela nas Escrituras”[15].

A racionalidade nega a revelação porque estabelece a razão como o juiz final para legislar sobre todas as coisas, inclusive sobre Deus e a religião. Esse foi o resultado do Iluminismo, do racionalismo, do cientificismo, do liberalismo teológico e, na atualidade, pelo relativismo. O relativismo cultural afirma que nenhuma cultura é melhor ou superior a outra, todas são iguais. Com base nesse pressuposto, por que impor a um determinado povo uma religião e, especificamente, a religião do Ocidente? “Os relativistas podem falar com prazer a respeito da minha verdade e a sua verdade, mas raramente sobre a verdade”[16]. Como vimos, por influência do Iluminismo, o racionalismo influenciou todas as áreas da cultura Ocidental, o seu problema é a intolerância com as outras cosmovisões e sistemas epistemológicos[17].

Evangelho e cultura. Por que os judeus convertidos da nova comunidade em Jerusalém estavam se opondo a Paulo e ao avanço do evangelho na Ásia? Porque o evangelho estava assumindo novas formas culturais, diferentes da cultura judaica. Mas a diferença era a relativização da revelação ou o sincretismo religioso? Nenhum dos dois, a questão era “em que termos os não-judeus poderiam ser admitidos como membros da comunidade cristã”[18]. Essa era uma questão muito séria! Uma segunda questão era o propósito da revelação.

[14] MACKINTOSH, Hugh R. **Teologia moderna**: de Schleiermacher a Bultmann. [São Paulo/Londrina]: Editora Cristã Novo Século & Fonte Editorial, 2004, p. 292.

[15] FERREIRA, Franklin & MYATT, Allan. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 483.

[16] CARSON, A. D. **A intolerância da tolerância**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013, p. 134.

[17] BÍBLIA. **Bíblia missionária de estudo**, Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblia do Brasil, 2014, pp. 58, 59.

[18] MANSON, T. W. **Jesus and the Non-Jews**. The Ethel M. Wood Lecture delivered before the University of London on 3 March 1954. London: The Athlone Press, 1955. Pbk. pp.18.

“Por dois mil anos, o padrão estabelecido por Deus para seu povo vinha sendo a lei judaica”[19] e as práticas que acompanhavam a lei não estavam sendo cumpridas nas igrejas que estavam surgindo. Assim, “os judeus queriam obrigar os gentios convertidos a circuncidar-se, então se iniciou a tormenta entre a lei e a graça, entre a fé e o cerimonial”[20]. A comunidade dos discípulos de Jerusalém cria que a lei moldou toda a cultura judaica e deveria ser o padrão teológico e cultural para todas as demais culturas além de Jerusalém. O que isso significa? Que há uma,

Tendência humana de aplicar a outros povos sua forma adquirida de pensar e interpretar, prática esta realizada em grande escala pelos movimentos imperialistas do passado e do presente, bem como por forças missionárias que entenderam o significado do evangelho apenas dentro de sua própria cosmovisão, cultura e língua[21].

Paulo pensava diferente, embora, judeu e outrora fariseu, contudo, defendia que as novas comunidades deveriam assumir novas formas culturais nos lugares que se estabelecia[22] e desenvolver sua própria teologia. Esse é o princípio da autoteologização.

Mas todas as formas culturais são válidas para adoração a Deus? Não! O evangelho é um fenômeno divino que ao incidir sobre as culturas humanas transforma suas expressões culturais para o culto a Deus, por outro lado, assimila o que não foi contaminado pelo pecado e, ao mesmo tempo, confronta a cultura e seus deuses. Deus criou o homem e este criou a cultura.

[19] GOHEEN, Michael W. **A missão da igreja hoje**. A Bíblia, a história e as questões contemporâneas. Viçosa: Ultimato, 2019, p. 55.

[20] FUMERO. Op, Cit., p. 51.

[21] LIDÓRIO, Ronaldo. **Comunicação e cultura**: a antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e ações missionárias no contexto transcultural. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 19.

[22] GOHEEN. Op. Cit., p. 55.

“Por dois mil anos, o padrão estabelecido por Deus para seu povo vinha sendo a lei judaica”[19] e as práticas que acompanhavam a lei não estavam sendo cumpridas nas igrejas que estavam surgindo. Assim, “os judeus queriam obrigar os gentios convertidos a circuncidar-se, então se iniciou a tormenta entre a lei e a graça, entre a fé e o cerimonial”[20]. A comunidade dos discípulos de Jerusalém cria que a lei moldou toda a cultura judaica e deveria ser o padrão teológico e cultural para todas as demais culturas além de Jerusalém. O que isso significa? Que há uma,

Tendência humana de aplicar a outros povos sua forma adquirida de pensar e interpretar, prática esta realizada em grande escala pelos movimentos imperialistas do passado e do presente, bem como por forças missionárias que entenderam o significado do evangelho apenas dentro de sua própria cosmovisão, cultura e língua[21].

Paulo pensava diferente, embora, judeu e outrora fariseu, contudo, defendia que as novas comunidades deveriam assumir novas formas culturais nos lugares que se estabelecia[22] e desenvolver sua própria teologia. Esse é o princípio da autoteologização.

Mas todas as formas culturais são válidas para adoração a Deus? Não! O evangelho é um fenômeno divino que ao incidir sobre as culturas humanas transforma suas expressões culturais para o culto a Deus, por outro lado, assimila o que não foi contaminado pelo pecado e, ao mesmo tempo, confronta a cultura e seus deuses. Deus criou o homem e este criou a cultura. O homem pecou e a cultura ficou exposta ao pecado e contaminada por ele, mas o evangelho ao redimir o homem caído também transforma sua cultura dos elementos que estão sujeitos ao culto aos deuses.

[19] GOHEEN, Michael W. **A missão da igreja hoje**. A Bíblia, a história e as questões contemporâneas. Viçosa: Ultimato, 2019, p. 55.

[20] FUMERO. Op, Cit., p. 51.

[21] LIDÓRIO, Ronaldo. **Comunicação e cultura**: a antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e ações missionárias no contexto transcultural. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 19.

[22] GOHEEN. Op. Cit., p. 55.

Princípio e forma. Paulo em sua prática como teólogo e plantador de igrejas nos ensina em sua teologia bíblica e contextual que muda-se a forma não o princípio, muda-se a metodologia não os valores, muda-se as tradições, mas firma-se as crenças em torno das quais a revelação dissolve o mistério e o evangelho alcança e transforma o homem pelo poder de Deus. Usando a linguagem coloquial, “jogar fora a criança com a água suja”. Os perigos dessa atitude é identificar que princípio e forma são iguais ou estabelecer a forma no lugar do princípio. Claro que os princípios não mudam, mas a forma, a metodologia e a cultura podem e devem ser contextualizadas.

Em geral, o maior obstáculo a repensarmos e reformarmos nossos ministérios é a inércia da tradição – ou as tradições de nossa denominação e clericalismo mantidas há muito tempo, ou as tradições mais recentes do movimento de crescimento de igreja, que se tornaram um tipo de ortodoxia implícita em muitas igrejas evangélicas [23].

O modelo proposto pelo Hemisfério Norte.

A Conferência Missionária de Edimburgo em 1910 ratificou o lema que acionava o paradigma do Movimento Moderno de Missões, “do Ocidente para o resto do mundo”[24]. Segundo Goheen a missão era entendida “como um movimento geográfico do Ocidente para o não Ocidente”[25]. De acordo com Bruce, o movimento missionário iniciou-se com as igrejas primitivas, expandiu-se pelo mundo helenista, teve o seu apogeu no movimento moderno de missões e, como uma chama, espalhou o evangelho no mundo inteiro[26].

[23] MARSHALL, Colin & PAYNE, Tony. **A treliça e a videira**: a mentalidade de discipulado que muda tudo. São Paulo: Editora Fiel, 2015, p. 81

[24] YEH, Allen. **O futuro de missões é de todos para todos os lugares**. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/agl-pt-br/2018-01-pt-br/o-futuro-de-missoes-e-de-todos-para-todos-os-lugares>. Acesso em: 11 de outubro, 2023

[25] GOHEEN. Op. Cit., p. 32.

[26] BRUCE, F. F. **The Spreading Flame**: The Rise and Progress of Christianity from Its First Beginnings to the Conversion of the English. Milton Keynes, UK: Paternoster, 1980, p. 516.

Encontramos outra semelhança entre a expansão cristã primitiva e o movimento missionário ocidental moderno, na medida em que ambos progrediram lado a lado com a expansão colonial. Enquanto o alcance missionário inicial foi acelerado pela via Romana, o movimento missionário ocidental moderno lucrou com a expansão colonial do imperialismo europeu. Consciente e inconscientemente, a expansão do cristianismo durante o período colonial foi feita de mãos dadas com a conquista colonial ocidental. Como resultado, a missão cristã tem sido entrelaçada com a imagem do domínio colonial ocidental.[27]

Com o Movimento Moderno de missões o Ocidente tornou-se o referencial teológico, missionário, político, econômico e cultural sobre o resto do mundo cristão por mais de 200 anos, criando e moldando uma cultura uniforme de envio e manutenção do trabalho missionário. Além do mais, estabelecendo sua prerrogativa sobre as demais culturas. Geralmente, prevaleceu uma imposição conversionista do fenômeno natural evangelístico.

O monopólio missionário, por meio de recursos humanos e financeiros, estava nas mãos do irmão rico e do irmão pobre, o depositário. Segundo Bosch, “colonialismo e missões eram, naturalmente, independentes; o direito de ter colônia trazia consigo o dever de cristianizar os colonizados”[28], por outro lado, “os missionários ocidentais trouxeram três Cs (comércio, civilização e cristianismo) para o mundo colonizado primitivo”[29].

[27] LEE, Moonjang. **Rethinking the Nature of Christian Mission**: A South Korean Perspective. In *The state of missiology today: global innovations in christian witness*. (Ed. Charles E. Van Engen). Downers Grove: InterVarsity Press, 2016, p. 229.

[28] BOSCH, David. **Missão transformadora**: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 227.

[29] LEE. Op. Cit., p. 231.

Segundo Analzira Nascimento, esse modelo esgotou-se. Seu livro, *Evangelização ou colonização?*, é uma crítica a esse modelo e também propõe uma análise e reflexão. Entretanto, o subtítulo da tese que deu origem ao livro é incisivo, descolonizar o paradigma missiológico. De acordo com Analzira Nascimento, muito do que é realizado hoje pelas igrejas e organizações missionárias é o perpetuismo desse modelo. Para ela é necessário “desconstruir aquilo que a tradição moldou devido às necessidades históricas, voltando-se ao modelo simples e encarnacional do nosso Senhor e Mestre Jesus”[30].

Geralmente, os missionários iam não apenas com a confiança no evangelho, mas na sua cultura como a única detentora do evangelho. Essa atitude continua a ser demonstrada não apenas nas estruturas mais antigas que enviam missionários, mas também em movimentos missionários que surgem em novas igrejas enviadoras e na tendência do envolvimento individual e direto de igrejas com missões transculturais[31].

Em suma seria assim. Uma igreja ou uma organização missionária enviam missionários para um determinado povo, geralmente, com recursos para implementar um projeto de desenvolvimento comunitário. Esse envio proposto pelo paradigma tradicional perpetua a manutenção do poder eclesiástico do missionário que não somente lidera o trabalho, mas pastoreia a igreja local. Conseqüentemente, a estrutura eclesiástica do missionário é mantida e sua cultura denominacional; assim como, outras coisas sem importância. “Hoje esse modelo de ação missionária entrou em crise e precisa buscar uma adequação para superar o descompasso com o novo mundo, que valoriza e respeita a diversidade cultural” [32].

[30] NASCIMENTO. Op. Cit., p. 8.

[31] BENDOR-SAMUEL, Paul. **A missão invertida**: a igreja local e as idas e vindas dos missionários. Viçosa: Ultimato, 2014. p. 20.

[32] NASCIMENTO. Op. Cit., p. 13.

Na perspectiva da mentalidade antiga o protagonismo nunca pertence ao nacional, é negado-lhe esse direito. Segundo Goheen, “é preferível dizer que mudanças no século 20 e 21 tornaram inadequado para nossos tempos um paradigma tradicional de missões”[33].

Pressuposto para uma teologia do Sul Global.

O conceito de Sul Global representa uma curvatura ou um deslocamento do eixo do cristianismo Ocidental para África, Ásia e América Latina[34], no entanto, não há uma definição precisa sobre essa terminologia. Por isso, fala-se em Mundo Majoritário, Sul Global, Mundo Não-Ocidental, Terceiro Mundo, Mundo em desenvolvimento, AfAsAL. De acordo com Graham Joseph Hill esses termos são inadequados porque, “usam as culturas ocidentais como seu ponto de referência. Eles implicam superioridade ou centralidade ocidental”[35]. Todas essas designações são conceitos Ocidentais, mas independente das conceituações, o cristianismo não é mais um bloco monocrático, mas policêntrico[36]. O que isso representa? Que “o centro da gravidade do protestantismo... afastou-se decisivamente do mundo ocidental”[37]. Carriker afirma que, “A igreja cristã é de maioria africana, asiática e latino-americana; não é mais predominantemente europeia e norte-americana”[38], e segundo Pierson, “novos movimentos do Espírito” vão brotando nessas regiões[39].

[34] LUTTERODT, Philip; CAVALCANTI, Joabe G. e LEE, Loun Ling. **Perspectivas no cristianismo no Sul Global**: Gana, Brasil, Leste Asiático e a igreja global. 2023.

[35] HILL, Graham Joseph. **Igreja Global**: Aprendendo com o Mundo Majoritário, Cristãos Indígenas e Cristãos da Diáspora. 2018.

[36] HANDLEY, Joseph W. **O policêntrismo como o paradigma da nova liderança**. Laussane. 2023.

[37] JOHNSTONE, Patrick. **A igreja é maior do que você pensa**: estruturas e estratégias para a igreja no século XXI Monte Verde: Horizontes América Latina, [s/d], p. 112.

[38] CARRIKER, Timóteo. prefácio. Em: BENDOR-SAMUEL, Paul. **A missão invertida**: a igreja local e as idas e vindas dos missionários. Viçosa: Ultimato, 2014, p. 9.

[39] PIERSON, Paul E. Correntes emergentes da igreja & missões. Monte Verde: Horizontes América Latina, 2005, p. 11.

Em seu livro, o Futuro da igreja global, Johnstone destaca que,

O maior crescimento ocorreu na América Latina, na África e na Ásia. Os países da AfAsAL tinham 5% de todos os protestantes em 1900, mas em 2000, esse número havia aumentado para 59% e pode chegar aos 81% até 2050 [40].

Os paradigmas que seguiram-se à expansão do cristianismo sugerem ênfases distintas. A visão que seguiu-se ao movimento moderno de missões enfatizava, “do Ocidente para o resto do mundo”, que foi expressamente questionada por Samuel Escobar com a assertiva, “de todos os lugares para todas as pessoas” extraído do título de seu livro: *The New Global Mission: The Gospel From Everywhere to Everyone* (A Nova Missão Global: O evangelho de todos os lugares para todos), já o missiologista paquistanês Michael Nazir-Ali propôs *From Everywhere to Everywhere: A World View of Christian Mission* (De todos os lugares para todos os lugares: uma visão mundial da missão cristã), o Movimento Lausanne foi incisivo, “todo o Evangelho levado por toda a igreja para o mundo todo”[41], e a JMM simplificou, “todos enviando para todos”[42]. O terceiro paradigma proposto por Jay Matenga e Paul Bendor-Samuel, mudava o foco da missão e da liderança, “centralizando o local”[43].

[40] JOHNSTONE, Patrick. **O futuro da igreja global**: histórias, tendências e possibilidades. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2017, p. 109.

[41] LAUSANNE. **O Movimento de Lausanne e o evangelicalismo global**: distintivos teológicos e impacto missiológico. In: *The Lausanne Movement: A Range of Perspectives*. Oxford: Regnum Books, 2014

[42] PACTO DE MISSIOLOGIA. Documento Institucional da JMM.

[43] MATENGA, Jay. **Centring the local**: the indigenous future of missions. In: A seminar originally presented at the Wycliffe Global Alliance/SIL “Together in Christ 2021” conference.

O contexto de mudança paradigmática do eixo missional do Ocidente para o Sul Global gera uma mudança significativa. Michael Horton afirma que, “levar esse evangelho a todas as nações requer sensibilidade aos diversos contextos culturais”[44].

Myron Loss enfatiza

A maioria das pessoas nem sequer se dá conta de que a cultura existe em seu ambiente. Se elas fossem expostas a somente uma cultura, elas creriam que a única maneira correta de fazer as coisas é a maneira como elas sempre as têm feito [45].

Ronaldo Lidório propõe que a formação do missionário tenha uma base teológica, linguística e antropológica. Ele afirma que, “o pé mais fraco na formação missionária é a Antropologia”[46]. É necessário que aquele que é enviado a um povo estude seus elementos culturais para não impor-lhe sua cultura cristã, doutrina ou interpretação teológica. Phillip Jenkins destaca, “os ocidentais tentam impor as suas próprias ideias do Cristianismo como deveria ser, muitas vezes apoiados pela força do poder político colonial”[47], Charles Kraft é ainda mais incisivo, “muitos indo ao extremo teológico, absolutizaram alguma abordagem cultural ocidental do Cristianismo e procuraram converter as pessoas a uma expressão particular do Cristianismo”[48]. Óbvio que esse paradigma tradicional e inadequado de missões não se encaixa mais no século XXI[49].

É preciso entender e respeitar as diferenças. “Cada sociedad se expresa en forma única com su propio estilo de vida, pensamiento y creencia”[50].

[44] HORTON, Michael. **A grande comissão**: o resgate da estratégia divina para o discipulado. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014, p. 125.

[45] LOSS, Myron. **Choque cultural**: lidando com o estresse em um ambiente transcultural. Monte Verde: Horizontes América Latina, 2005, p. 62, 63.

[46] LIDÓRIO, Ronaldo. Op. Cit., p. 15.

[47] JENKINS, Phillip. **The next Christendom**: The Coming of Global Christianity. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 103.

[48] KRAFT, Charles H. **Culture, communication and Christianity**: A selection of writings by Charles Kraft. Pasadena: William Carey Library, 2001, p. 366.

[49] GOHEEN, Michael. Op. Cit., p. 14.

[50] GRULAN, STEPHEN A. y MAYERS, Marvin K. **Antropologia cultural**: una perspectiva cristiana. Deerfield: Editorial Vida, 1988, p. 54, 55.

A mensagem precisa ser entendida em seu ambiente histórico e cultural. “Sem isso, estamos em perigo de proclamar uma mensagem desprovida de significado e relevância”[51]. Contextualizar a mensagem é o primeiro passo e, o segundo, é permitir que o outro construa e manifeste a sua teologia. Contudo, é necessário considerar que nesse processo, “as novas verdades que emergem não podem nunca contradizer as antigas, e em cada momento o Espírito pode soprar onde quiser e em cada momento pode mostrar à luz lados completamente novos da revelação divina”[52].

Toda nova igreja precisa desenvolver uma teologia contextual, uma que faça sentido em sua cultura e que responda a questões de relevância cultural. Os missionários devem encorajar esse desenvolvimento, ainda que os líderes locais não tenham as mesmas conclusões que o missionário... pode ser um processo de crescimento para o missionário, já que nossa herança eclesial é assim desafiada e podemos aprofundar o diálogo com novas perspectivas [53].

Para que esse processo seja ativado, o missionário inicia se despindo de sua cultura, tarefa difícil, mas necessária, depois contextualizar o evangelho na cultura local para um contexto cultural específico, sem relativizar a revelação; e, a partir dessa abordagem, garantir ao nacional o direito de pensar e expressar a sua fé em termos teológicos contextuais. Para que isso aconteça é significativo, “encontrar pontos de contato com os contextos das outras pessoas e afastar do [...] próprio contexto as coisas que bloqueiam a comunicação”[54].

[51] HIEBERT, Paul G. **O evangelho e as diversidades das culturas: um guia de antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 14.

[52] BALTHASAR, Hans Urs Von. **Teologia da história**. São Paulo: Fonte Editorial, 2003, p. 68.

[53] SELSTO, Mons Gunnar e Thoresen, Frank-Ole. **Abraçando uma teologia de unidade na diversidade**: Lições da história da igreja no norte da África. 2018.

[54] GUTHRIE, Stan, **Missões no terceiro milênio**: 21 tendências-chave para o século XXI. Monte Verde: Horizontes América Latina, 2003, 135.

Peter Phan editor do livro, *Christianities in Asia* (Cristianismos na Ásia), o qual teve a colaboração de teólogos asiáticos com diferentes backgrounds teológicos. O livro é o resultado de uma teologia que nasceu e amadureceu na Ásia, que manifesta-se com traços e características, eminentemente, asiática.

Os cristãos na Ásia receberam e transformaram o cristianismo em uma religião local ou indígena, com suas próprias estruturas eclesiais, liturgia e orações, espiritualidade, teologia, arte e arquitetura, música e canções, e dança, frequentemente em diálogo com as culturas e religiões asiáticas[55]. As novas comunidades cristãs são bem diferentes das igrejas ocidentais tradicionais[56].

Abordagens proposicionais.

Ideias que contribuem para a configuração de um paradigma missionário em perspectiva decolonial[57].

1. O processo de desenvolvimento de uma teologia nativa começa com o discipulado. A ênfase de Jesus em Mateus 28:18-20 é “fazei discípulos” seguido dos gerúndios[58] batizando e ensinando-os. Esse princípio pode ser exemplificado por Paulo quando afirmou para Timóteo, “o que da minha parte ouvistes através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir outros”[59] (2 Timóteo 2: 2). Paulo discipulou Timóteo e, considerando que, se ele escrevesse uma teologia, ela seria fruto de um discipulado cristocêntrico, missionário e, eminentemente, contextual.

[55] PHAN, Peter C. (ed.). **Christianities in Asia**. Oxford: Blackwell, 2011, p. 4.

[56] PIERSON, Paul E. **Correntes emergentes da igreja & missão**. Monte Verde: Horizontes América Latina, 2005, p. 11.

[57] A decolonialidade é uma escola de pensamento que visa desvincular-se das hierarquias de conhecimento eurocêntricas e dos modos de estar no mundo, a fim de possibilitar outras formas de existência na Terra. Crítica a universalidade percebida do conhecimento ocidental e a superioridade da cultura ocidental, incluindo os sistemas e instituições que reforçam essas percepções.

[58] O gerúndio expressa o processo da ação. No discipulado o ensino não é um ato estanque, isolado ou somente preparatório para o batismo, mas um ato contínuo na vida do discípulo.

[59] BÍBLIA. **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, p. 803.

2. A influência e a teologia do Sul Global não podem mais ser ignoradas. A América Latina está fazendo teologia e o Brasil com seus quase 200 anos de campo missionário deixa o estágio de depositário para protagonista de uma teologia missional, bíblica e contextual. Patrick Johnstone enfatiza “é possível que [o Brasil] defina as tendências nos países da AfAsIA”[60].

A igreja brasileira a despeito das incertezas políticas e econômicas continua investindo no envio de missionários transculturais e com a contribuição de missiólogos como Durvalina Bezerra, Barbara Burns, Analzira Nascimento, Margaretha Adiwardana, Ronaldo Lidório, Timóteo Carriker, Russell Shedd (falecido) dentre outros, que exercem sua participação para a missiologia global. O mesmo pode ser dito da teologia Africana e Asiática.

Graham Joseph Hill propõe,

É hora de ouvir vozes asiáticas, africanas, latino-americanas, do Oriente Médio, indígenas e outras do Mundo Majoritário. Essas vozes [...] estão surgindo e redefinindo nosso entendimento da teologia, igreja e missão. Muitas igrejas do Mundo Majoritário, da diáspora e dos indígenas têm extraordinária vitalidade missionária e teológica. A abertura para essas vozes precisa acontecer agora. Nós só refletiremos o coração de Deus e sua missão quando buscarmos conversas globais e honrarmos a igreja global como um todo[62].

O livro, *Majority world theology* (Teologia do mundo majoritário), representa essas vozes. Foi escrito por 46 acadêmicos e pastores, dentre os quais 8 mulheres, ficando assim representados, da África 10, do Oriente Médio 2, da Ásia 15, da América Latina 9, Europa 3, da América do Norte 5 e 2 não foram identificados.

[62] HILL, Graham Joseph. Op. Cit., (Nov 29, 2018).

Essa iniciativa representa as perspectivas e práticas teológicas dos cristãos que vivem no mundo não-ocidental. O seu propósito é destacar as diversas e vibrantes tradições teológicas que surgiram fora da Europa e da América do Norte, e ao mesmo tempo, questionar o domínio da teologia ocidental para o diálogo global.

3. É preciso entender que a evangelização não é privilégio de qualquer segmento cristão. A igreja global é chamada por Deus para a evangelização global. Então, qual a função missional do Hemisfério Norte? Ele é descartado? De modo nenhum! A missão é de Deus e ele mesmo convida toda a sua igreja para realizar a tarefa. Kirst Rievan captou essa ideia ao afirmar: “O papel do estrangeiro é principalmente ser um catalisador”[63]; e parceiro no movimento missionário[64], “servos e cooperadores”[65]. O obreiro de fora se torna um facilitador, aquele que caminha ao lado, um orientador para o desenvolvimento e expressão da teologia missional, nativa, do Sul Global.

São estabelecidas atividades que se multiplicam sem exigir a entrada de dinheiro e infraestrutura. Esse processo tem sido aplicado com sucesso no ministério de implantação de igrejas na Índia e em outros lugares[66].

Que o missionário, o missiólogo ou quem seja enviado precisa desenvolver a mentalidade de facilitador e não de ator, de catalisador e não de iniciador, de convidado e não de cabeça de família, posição sustentada pelo chefe, de facilitador e não de herói[67], de aprendiz e não de professor. Ele pode ser um líder, mas nunca um chefe.

[63] RIEVAN, Kirst. **Os estrangeiros ainda são necessários na era da missão nativa?**. Lausanne. 2021.

[64] CARRIKER, Timóteo. Op. Cit., p. 9.

[65] BENDOR-SAMUEL, Paul. A missão invertida. Op. Cit., p. 29.

[66] RIEVAN, Kirst. Op. Cit.

[67] Ibidem.

Como Paul Bendor-Samuel observa, que esses obstáculos seriam removidos quando a igreja é capacitada para realizar a missão e recebe também “incentivo de expressões contextualmente apropriadas de fé e prática”[68] e como Hildomar Oliveira sumariza, “Paulo respeitava o princípio da autonomia e dava à nova igreja liberdade para assumir e expressar sua forma cultural, contextual e missiológica”[69].

Considerações finais.

O princípio da autoteologização como paradigma para manifestar as vozes teológicas das igrejas nativas do Sul Global, se une aos três autos mencionados no início deste ensaio. Se o paradigma proposto por Venn tornou-se uma referência para missiólogos, missionários e plantadores de igrejas como um modelo que identifica a natureza e a identidade da igreja como autogovernada, autossustentada e autopropagadora, então, nada mais justo que a autoteologização seja a sua voz que se expressa de dentro, do seu meio, da sua cultura. Cada sociedade é peculiar na maneira como entende a mensagem do evangelho de Cristo em termos de sua própria cultura. Alguns anos atrás conheci um missionário em Marrocos que havia dedicado 12 anos na tradução da Bíblia para uma etnia local, no entanto, sua tradução tornou-se inteligível para a comunidade local porque expressava a cultura do missionário e não em termos culturais do povo que buscava servir.

Segundo Andrew Walls, e citado por Gene L. Green, “sempre que a fé cristã se enraíza em novas culturas, a compreensão da fé pela Igreja cresce inevitavelmente à medida que ela vê as Escrituras com novos olhos e reconhece aspectos de Cristo e do seu reino que ela havia negligenciado e subestimado”[70].

[68] BENDOR-SAMUEL, Paul. Op. Cit., p. 25.

[69] OLIVEIRA, Hildomar. **O desafio da prática missiológica contemporânea**: todos enviando para todos. Em: Revista Reflexão Missiológica. 2021.

[70] GREEN, Gene L., PARDUE, Stephen T. and YEO, K. K. Op. Cit., p. 15.

REFERÊNCIAS

BALTHASAR, Hans Urs Von. **Teologia da história**. São Paulo: Fonte Editorial, 2003.

BÍBLIA. **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BÍBLIA. **Bíblia missionária de estudo, Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

BOSCH, David. **Missão transformadora: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BRUCE, F. F. **The Spreading Flame: The Rise and Progress of Christianity from Its First Beginnings to the Conversion of the English**. Milton Keynes, UK: Paternoster, 1980.

CARRIKER, Timóteo. prefácio. Em: BENDOR-SAMUEL, Paul. **A missão invertida: a igreja local e as idas e vindas dos missionários**. Viçosa: Ultimato, 2014.

CARSON, A. D. **A intolerância da tolerância**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013.

ENNS, Paul. **Manual de teologia Moody**. São Paulo: Editora Batista Regular, 2010.

DEAN, Flemming. **Contextualisation in the New Testament: patterns for theology and missions**. Downers Grove: Intervarsity Press, 2005.

FERREIRA, Franklin & MYATT, Allan. **Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

- FERREIRA, Júlio Andrade. **Teologia sistemática contemporânea**. Londrina: Fonte Editorial, 2018.
- FUMERO, Mario E. **Os gálatas do terceiro milênio**: os judeus messiânicos e as igrejas cristãs. Camanducaia: Horizontes America latina, 2005.
- GOHEEN, Michael W. **A missão da igreja hoje**: A Bíblia, a história e as questões contemporâneas. Viçosa: Ultimato, 2019.
- GREEN, Gene L., PARDUE, Stephen T. and YEO, K. K. Preface. In: **Majority world theology: Christian doctrine in global context**. (Ed. GREEN, Gene L.). Downers Grove: InterVarsity Press, 2020.
- GRONINGEN, Gerard Van. **Revelação messiânica no Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Cultura Cristã.
- GRULAN, STEPHEN A. y MAYERS, Marvin K. **Antropologia cultural**: uma perspectiva cristiana. Deerfield: Editorial Vida, 1988.
- HANDLEY, Joseph W. **O policêntrismo como o paradigma da nova liderança**. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/agl-pt-br/2021-05-pt-br/o-policentrismo-como-o-paradigma-da-nova-lideranca>. Acesso em: 20 de out. 2023.
- HIEBERT, Paul G. **Anthropological insights for missionaries**. Grand Rapids: Baker Academic, 1985.
- HIEBERT, Paul G. **O evangelho e as diversidades das culturas**: um guia de antropologia missionária. São Paulo: Vida Nova, 2010.

HILL, Graham Joseph. **Igreja Global**: Aprendendo com o Mundo Majoritário, Cristãos Indígenas e Cristãos da Diáspora. Nov. 2018. Disponível em: <https://grahamjosephhill.com/post-1-portuguese/>. Acesso em: 11 de out. 2023.

HORTON, Michael. **A grande comissão**: o resgate da estratégia divina para o discipulado. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014.

JENKINS, Phillip. **The next Christendom**: The Coming of Global Christianity. Oxford: Oxford University Press, 2011.

JMM. PACTO DE MISSIOLOGIA. Documento Institucional da JMM.

JOHNSTONE, Patrick. **O futuro da igreja global**: histórias, tendências e possibilidades. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2017.

JOHNSTONE, Patrick. **A igreja é maior do que você pensa**: estruturas e estratégias para a igreja no século XXI Monte Verde: Horizontes América Latina, s.d.

KNIGHT, William. **Memoir of the Rev. H. Venn**. London: Longmans, Green, And Co., 1880.

KRAFT, Charles H. **Culture, communication and Christianity**: A selection of writings by Charles Kraft. Pasadena: William Carey Library, 2001.

LAUSANNE. O Movimento de Lausanne e o evangelicalismo global: distintivos teológicos e impacto missiológico. In: **The Lausanne Movement**: A Range of Perspectives. Oxford: Regnum Books, 2014. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/o-movimento-de-lausana-e-o-evangelicalismo-global-distintivos-teologicos-e-impacto-missiologico>. Acesso em: 16 de out. 2023.

LEE, Moonjang. **Rethinking the Nature of Christian Mission: A South Korean Perspective.** In The state of missiology today: global innovations in christian witness. (Ed. Charles E. Van Engen). Downers Grove: InterVarsity Press, 2016.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Comunicação e cultura:** a antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e ações missionárias no contexto transcultural. São Paulo: Vida Nova, 2014.

LOSS, Myron. **Choque cultural:** lidando com o estresse em um ambiente transcultural. Monte Verde: Horizontes América Latina, 2005.

MACKINTOSH, Hugh R. **Teologia moderna:** de Schleiermacher a Bultmann. [São Paulo/Londrina]: Editora Cristã Novo Século & Fonte Editorial, 2004.

MANSON, T. W. **Jesus and the Non-Jews.** The Ethel M. Wood Lecture delivered before the University of London on 3 March 1954. London: The Athlone Press, 1955. Disponível em: https://biblicalstudies.org.uk/pdf/emwl/jesus_Manson.pdf. Acesso em: 07 de out. 2023.

MATENGA, Jay. **Centring the local:** the indigenous future of missions. In: A seminar originally presented at the Wycliffe Global Alliance/SIL “Together in Christ 2021” conference. Disponível em: https://jaymatenga.com/pdfs/MatengaJ_CentringLocal.pdf. Acesso em: 20 de out. 2023.

MARSHALL, Colin & PAYNE, Tony. **A treliça e a videira:** a mentalidade de discipulado que muda tudo. São Paulo: Editora Fiel, 2015.

NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou colonização?** O risco de se fazer missões sem se importar com outro. Viçosa: Ultimato, 2015.

OLIVEIRA, Hildomar. **O desafio da prática Missiológica contemporânea**: todos enviando para todos. Em: Revista Reflexão Missiológica. julho-dezembro de 2021. v. 1, n. 1. Rio de Janeiro: JMM. Disponível em: <https://www.periodico.reflexaomissiolologica.com.br/index.php/revista/issue/view/1>. Acesso em: 17 de out. 2023.

PHAN, Peter C. (ed.). **Christianities in Asia**. Oxford: Blackwell, 2011.

PIERSON, Paul E. **Correntes emergentes da igreja & missões**. Monte Verde: Horizontes América Latina, 2005.

RIEVAN, Kirst. **Os estrangeiros ainda são necessários na era da missão nativa?** Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/agl-pt-br/2021-07-pt-br/os-estrangeiros-ainda-sao-necessarios-na-era-da-missao-nativa>. Acesso em: 11 de out. 2023.

SELSTO, Mons Gunnar e Thoresen, Frank-Ole. **Abraçando uma teologia de unidade na diversidade**: Lições da história da igreja no norte da África. 2018. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/abracando-uma-teologia-de-unidade-na-diversidade-licoes-da-historia-da-igreja-no-norte-da-africa#o+ocidente>. Acesso em: 10 de out. 2023.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. São Leopoldo: Concórdia, Est, 2014.

YEH, Allen. **O futuro de missões é de todos para todos os lugares**. v. 7, Ed. 1. 2018. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/agl-pt-br/2018-01-pt-br/o-futuro-de-missoes-e-de-todos-para-todos-os-lugares>. Acesso em: 11 de out. 2023.

Texto recebido em 28.10.2023 e aprovado em 20.11.2023